

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+
MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

Participantes

Abrev.	Nome	Instuição
AB	Adriana Panhol Bayma	SBF/MMA
	Aline Brignol Menke	SMCQ/MMA
	Alan de Brito	FUNCATE
	Alessandra Gomes	CRA/INPE
	Alexandre Avelino	SMCQ/MMA
AA	Ane A. C. Alencar	IPAM
	Antonio Sanches	SMCQ/MMA
CF	Clotilde Ferri	FUNCATE
DV	Dalton Valeriano	INPE
	Danielly Godiva	SEPED/MCTI
	Edson Sano	CSR/IBAMA
FR	José Felipe Ribeiro	EMBRAPA
FM	Flora Martins	CETESB
HM	Heloisa Miranda	ECL/UNB
	Luis Maurano	INPE
LG	Leticia Guimarães	SMCQ/MMA
	Marcos Giongo	UFT
NS	Margarete Naomi Sato	ECL/UNB
MB	Mercedes Bustamante	ECL/UNB
RC	Roberta Zecchini Cantinho	CCST/INPE
TK	Thelma Krug	SMCQ/MMA

12 de dezembro de 2016

Abertura

Thelma Krug (TK) dá boas vindas ao grupo, informando sobre a agenda particularmente importante da reunião, relacionada à submissão do FREL de desmatamento no Cerrado (FREL Cerrado) à UNFCCC e do II Anexo Técnico sobre REDD+, com resultados de redução de emissões por desmatamento no bioma Amazônia. Recorda que em 2014 o Brasil se comprometeu a submeter um FREL nacional, calculado a partir da soma dos FRELs dos seis

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

biomas brasileiros. Diferente do FREL Amazônia, consistente com o II Inventário – o mais atual à época da submissão, o FREL Cerrado mantém consistência com o III Inventário – submetido pelo Brasil à UNFCCC em 2016. O GTT REDD+ terá importante papel para garantir que a submissão do FREL Cerrado atenda aos critérios de consistência, transparência e completude. Ao longo das discussões nos dois dias de reunião, espera-se também avançar na definição de prioridades para o ano 2017, com vistas a se assegurar um FREL Nacional até 2020.

O prazo para submissão do FREL Cerrado é a primeira semana de janeiro. A submissão, no entanto, poderá ser aperfeiçoada durante o processo de avaliação técnica conduzido por dois especialistas a serem indicados pelo Secretariado da UNFCCC. Já o Anexo Técnico para REDD+ será submetido juntamente com o BUR, no início de fevereiro de 2017. TK detalha aspectos considerados na avaliação (critérios, reservatórios, definição de floresta, etc). Após uma breve introdução à agenda da reunião, passou-se para as apresentações que, no primeiro dia, se concentraram no FREL Cerrado e, no segundo, no Anexo Técnico para REDD+.

Seção 1: Informação utilizada na construção do FREL

- **Monitoramento da cobertura da terra no bioma Cerrado – Dalton Valeriano:** [[Clique aqui para acessar a apresentação](#)] O pesquisador Dalton Valeriano (DV) descreve o trabalho de monitoramento do bioma Cerrado, esforço de equipes responsáveis por diferentes ecorregiões. Salienta a necessidade do IBGE rever algumas bases de dados, já defasadas, e que poderiam comprometer a qualidade das submissões brasileiras, particularmente no que se refere ao Mapa de Vegetação e classificação das fitofisionomias florestais. Informa que a disponibilidade de dados espaciais em alta resolução (3 a 5 metros) já permitirá refinar alguns dos produtos existentes.

TK explicou ao GTT que não seria possível aguardar um refinamento dos produtos do IBGE (particularmente o Mapa de Vegetação), tendo em vista a urgência em submeter o FREL Cerrado e a potencial demora em se realizar os refinamentos mencionados. DV informou sobre a série histórica desenvolvida para o desmatamento no bioma Cerrado e que constituiu a base para a elaboração do FREL Cerrado, que aponta intenso desmatamento entre o período 2000-2004, com reduções significativas nos anos subsequentes. Houve também uma discussão sobre a unidade mínima de mapeamento que, para o FREL Amazônia, foi de 6,25 hectares. TK, apoiada por outros membros, sinalizou que o padrão dos desmatamentos em cada bioma é distinto e que a adoção da unidade mínima de mapeamento de 6,25 hectares para todos os biomas poderia acarretar na exclusão de parcelas significativas de desmatamentos com área menor.

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

Mercedes Bustamante (MB) informa sobre a intenção de se atualizar o mapa de carbono para o Cerrado para os próximos inventários nacionais de emissões de gases de efeito estufa, o que resultará na compatibilização dos mapeamentos nos próximos dois anos. TK informa que será muito útil em 2020, quando se espera submeter um FREL nacional, mas que por hora a submissão do Brasil empregará os dados mais recentes, mantendo a consistência com o último inventário nacional de gases de efeito estufa submetido à UNFCCC em 2016. MB trata da questão de carbono no solo: solo bom é preponderante para o processo de desmatamento, mas agricultura tem avançado também em solos não tão férteis; DV informa que os mapas de áreas desmatadas refletem a percepção de que há mais desmatamento nas áreas com maior histórico de ocupação.

Definição de floresta utilizada no FREL – Dalton Valeriano: Em curta apresentação antes do debate, DV informa que a discussão sobre conceito de floresta não deve ser acadêmica, uma vez que a definição das fitofisionomias florestais já está acordada. A questão da não inclusão da fitofisionomia Savana Parque (Sp), que tem estoque de carbono maior do que algumas formações florestais, mas que é considerada como formação campestre, inclusive no III Inventário e, portanto, não incluída no FREL Cerrado, foi alvo de discussão.

MB e DV consideram importante Sp entrar na definição de floresta para o FREL do bioma Cerrado, uma vez que é significativo seu estoque de carbono. TK lembra que é preciso haver consistência entre submissão e o III Inventário. MB informa ao grupo que as definições do IPCC são muito estanques, não refletem particularidades de diferentes regiões, sobretudo no bioma Cerrado. Pelos critérios do IPCC, que dividem a vegetação apenas entre campo e floresta, as vegetações lenhosas típicas de ambientes savânicos “somem”. O Brasil produz seu inventário de emissões por fitofisionomia e depois agrega para atender a esses critérios. Felipe Ribeiro (FR) reforça o ponto, chamando a atenção para a foto contida no Anexo 3 da submissão [com imagens das diferentes categorias, entre elas Sp]. A representação não faz jus ao estoque daquele ecossistema, pois retrata uma área claramente antropizada.

LG esclarece a diferença entre conceito de floresta para fins de pagamento por resultado e a alocação dos incentivos positivos. Uma fitofisionomia não ser considerada floresta não significa que ela não será objeto de ações de proteção, conservação e restauração financiadas por recursos de REDD+. MB considera, entretanto, que o Brasil passa por um momento de recrudescimento do desmatamento e que pode representar uma sinalização importante incluir essas áreas. Quanto ao sistema de classificação da vegetação, FR resgata uma motivação da proposta de divisão de fitofisionomias do Cerrado de Ribeiro & Walter: a dificuldade de se empregar a classificação do IBGE em estudos de campo. MB expõe que a Sp está dentro do Cerrado sensu stricto, mais próxima do Cerrado Típico e do Cerrado Ralo. Além disso, salienta que, entre observações anuais, o Cerrado pode sofrer uma

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

considerável alteração de estrutura por elementos como fogo; assim, propõe que o conceito de florestas poderia partir do Cerrado Denso até o Cerrado Ralo, deixando fora o Parque de Cerrado. Isso permitiria sairmos da “zona cinza” de floresta e não-floresta no Cerrado.

Heloisa Miranda (HM) resgata o entendimento das reuniões anteriores sobre esse tema: a definição de floresta para o FREL Cerrado considera até o Cerrado Típico (Savana Arborizada, numa correlação de Ribeiro e Walter com IBGE); Sp não entra no cálculo do FREL mas tem reconhecido seu estoque relevante. Alessandra Gomes (AG) concorda com HM e avalia que, para essa submissão do FREL Cerrado, é melhor que seja um aspecto tratado em um box, mas que siga o cálculo com o mapeamento já realizado, que considera Savana Arborizada (Sa), mas não Sp.

MB e FR concordam que o Cerrado sensu stricto se apresenta como um contínuo desde o Cerrado Denso, de maior estoque de carbono e porte considerado florestal segundo conceito da FAO, e o Cerrado Ralo, de estoque muito relevante de carbono. DV informa que, nos processamentos, o mapeamento de Sa considerou essas fitofisionomias de Cerrado – denso, típico e ralo –, deixando de fora Sp e Savana Gramíneo-lenhosa (Sg). DV alerta que para essa submissão não dá mais para incluir Sp, mas sugere que seja um ponto a ser aperfeiçoado. TK concorda e informa que um box poderá salientar a relevância do estoque de carbono na Savana Parque, embora não contabilizado no FREL, e lembra o grupo de que REDD+ trata basicamente de carbono florestal: não queremos negligenciar biodiversidade e outras questões, mas REDD+ é carbono florestal.

[Conduzido por Leticia Guimarães (LG), o final da Seção 1 foi dedicado a uma passagem pelo texto, em que foram colhidos comentários sobre figuras, referências, tradução, estrutura do texto, etc.]

Seção 2: Reservatórios e gases, e as atividades que foram incluídas no FREL

- **Fatores de emissão do III Inventário para todos os reservatórios considerados no FREL Cerrado – Roberta Cantinho:** Roberta Cantinho (RC) foi convidada a esclarecer como os fatores de emissão para os diferentes reservatórios de carbono em formações florestais foram estimados, já que não apresentavam relação direta com os valores nas referências bibliográficas apontadas (Tabela 3 da submissão).

TK afirma que é necessário mais informação na tabela, mais referências; a ideia é deixar claro como o Brasil chegou a esses fatores de emissão, para dar maior transparência à submissão. RC reforça que estes são os dados utilizados no III Inventário, e que podem sim ser disponibilizados. Sobre o reservatório madeira morta no III Inventário, MB informa que

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

nas fitofisionomias onde havia dados regionais, esses foram utilizados; caso contrário, o valor default do IPCC (igual 0,02) foi empregado. RC informa que disponibilizará uma tabela mais detalhada com os cálculos dos fatores de emissão para cada reservatório. TK sugere que esta tabela seja disponibilizada no Info Hub Brasil, com a concordância do GTT. Sobre as incertezas relacionadas aos fatores de emissão, MB remete à leitura de texto no relatório de referência do III Inventário, que traz uma avaliação qualitativa das incertezas associadas aos fatores de emissão. Não é possível, ainda, apresentar-se estimativas quantitativas dessas incertezas. Com relação às incertezas relacionadas ao mapeamento, o GTT concorda que as incertezas são baixas e DV afirma que agora será possível fazer uma verificação cruzada com os dados do mapeamento para o bioma Cerrado do III Inventário. TK informa que os dados referentes a cada polígono de desmatamento se concentram em 5 arquivos .xlsx, além dos arquivos .shp disponibilizados pelo INPE: esses dados permitem a reconstrução do FREL pelos avaliadores e referem-se a cada um dos períodos analisados: 100-2002, 2002-2004, 2004-2006, 2006-2008 e 2008-2010.

- **Abordagem do carbono orgânico do solo na submissão do FREL Cerrado – Mercedes Bustamante:** MB informa que dados da literatura indicam um estoque de carbono significativo no solo, embora afirme que há dificuldades para se estimar as mudanças devido à conversão de formações florestais para outros usos. Sugere a inclusão de dois artigos nas referências bibliográficas da submissão, pois tratam especificamente deste tema: – Queiroz 2012 e Carvalho 2006. Considera ainda que, no futuro, os dados do Inventário Florestal Nacional poderão constituir-se em uma fonte relevante para a construção do novo mapa de carbono. MB informa que o bioma Cerrado tem solos antigos e muita matéria orgânica abaixo do solo; logo, o processo de desmatamento com correntão pode gerar emissões provenientes não apenas da perda de biomassa aérea, mas também dos solos. O Plano ABC reconhece essa questão e tenta abordar na forma do plantio direto.

MB ficou responsável por desenvolver um texto para ser incluído na submissão do FREL Cerrado, de forma a ressaltar o potencial de mitigação por manejo sustentável dos solos, preconizado pelo Plano ABC, particularmente no que se refere ao plantio direto. TK explicou que a exclusão do reservatório carbono orgânico do solo da construção do FREL foi baseada nos dados do III Inventário, que sinalizam a baixa contribuição deste reservatório nas emissões totais associadas aos reservatórios biomassa viva e matéria orgânica do solo. Esclarece, entretanto, que este tema deve ser priorizado no próximo Inventário Nacional, já que não se tem utilizado informações sobre práticas de manejo após a conversão, tornando difícil associar-se remoções/emissões significativas ao solo. MB salienta que o inventário do setor agricultura será melhorado com informações espacialmente explícitas. TK sugere que MB elabore pequeno texto sobre o carbono no solo, como algo relevante e que o Brasil tem trabalhado para melhorar esses dados e que submissões futuras deverão incluir essas melhorias.

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

Seção 3: Estimativas de emissões provenientes do desmatamento no bioma Cerrado

- **Razão *root to shoot* utilizada no III Inventário Nacional para o bioma Cerrado – Roberta Cantinho:** [\[Clique aqui para acessar a apresentação\]](#) Esta questão foi tratada na seção anterior, e referia-se à necessidade de esclarecimento sobre o fator utilizado no III Inventário, o qual parecia ser menor do que esperado para o bioma Cerrado. Por tratar-se de formações florestais, a razão utilizada foi aceita pelo GTT. A apresentação preparada por RC segue disponível no site REDD+ Brasil – <http://redd.mma.gov.br>.
- **Comentários sobre a não inclusão de emissões não-CO₂ no FREL Cerrado: há melhorias para a submissão? – Thelma Krug:** TK conduz debate sobre os gases incluídos. Só entrou CO₂, não entraram outros gases que podem ser associados a queima.

MB informa que emissões de queima já entraram no II Inventário, e foram também incluídas no III Inventário, e separadamente para emissões ao desmatamento. No III Inventário foram apresentados dados para o ano 2010 somente. TK questionou o GTT sobre como associar as queimas ao processo de conversão de formações florestais. O GTT concordou que poderia assumir-se que toda a área florestal convertida é posteriormente queimada, com massa de combustível igual à metade do valor da biomassa aérea. HM confirma que isso é observável na Amazônia, mas não saberia dizer sobre o Cerrado; Marcos Giongo (MG), Naomi Sato (NS) e MB concordam e afirmam que 50% é mesmo um valor conservador. Ficou decidido que a Funcate vai usar a metodologia do 2006 IPCC Guidelines para estimar as emissões de gases não-CO₂, empregando os valores default do IPCC para os fatores de emissão e 50% da biomassa aérea. Estimativas serão geradas para todos os períodos e, caso essas emissões sejam consideradas significantes, serão incluídas no FREL Cerrado. De qualquer forma, os dados serão apresentados no texto.

- **Coerência do FREL Cerrado com o FREL Amazônia – Thelma Krug:** [\[Clique aqui para acessar a apresentação\]](#) TK relembra o GTT sobre o tratamento de nuvens aplicado na construção do FREL Amazônia, que levou à definição do incremento ajustado de desmatamento. O incremento ajustado busca evitar sub ou superestimar as emissões em dado ano, distribuindo a área de desmatamento observada sob nuvens de forma equitativa no ano t e ano(s) anterior(es). TK apresentou a diferença entre as estimativas de emissões a partir dos incrementos observados e dos incrementos ajustados, tendo sido observada uma diferença muito pequena. Desta forma, o GTT concordou em não aplicar-se a metodologia de incrementos ajustados na construção do FREL Cerrado. Retomou-se a discussão sobre área mínima de mapeamento, tendo-se decidido por fazer uma avaliação da incerteza associada ao mapeamento de pequenos polígonos (menores que 1 ha), já que o mapeamento do desmatamento, feito na escala 1:75.000, incluiu todas as áreas de

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

florestas naturais consideradas convertidas, independentemente de seu tamanho. A incerteza será avaliada a partir do mapeamento feito por diferentes intérpretes, sobre uma mesma área.

Clotilde Ferreira (CF) descreve o trabalho realizado pela FUNCATE e esclarece não ser possível, com os dados atuais, fazer uma análise do impacto de eliminar-se polígonos pequenos de conversão. Isto se deve ao fato de que, na identificação da fitofisionomia florestal afetada pelo desmatamento (a partir do mapa de Vegetação Pretérita), um polígono convertido poderia ser fracionado em duas ou mais tipologias florestais, perdendo-se a área original do polígono convertido. Assim sendo, foi solicitado que a FUNCATE fizesse nova análise, para recuperar o tamanho original dos polígonos convertidos. CF esclareceu que isto seria possível, mas que não seria possível separar os polígonos convertidos em formações florestais somente. Assim, os polígonos identificados poderiam pertencer a qualquer tipo de formação vegetal: florestal, campestre ou savânica.

TK questiona sobre a diferença entre a área desmatada informada no III Inventário e identificada na série histórica. MB menciona que a diferença pode estar relacionada à área mínima de mapeamento que, no III Inventário, foi assumida como 6,25 hectares. DV sugere novamente utilizar-se o valor 6,25 ha como área mínima de mapeamento, para manter-se a consistência com o FREL Amazônia. TK questiona a abordagem de área mínima de 6,25 ha para todos os biomas brasileiros, sendo apoiada por MB, que indica ser fundamental abordar os pequenos desmatamentos em certas áreas, dadas as distintas dinâmicas de desmatamento. TK sugere que se o FREL Cerrado seja encaminhado na forma como está e que durante a avaliação técnica, dados mais desagregados sejam apresentados para uma tomada de decisão e revisão do FREL, caso necessário. CF estima que novas estimativas de emissões poderiam ser geradas até março, caso uma área mínima de mapeamento for definida.

13 de dezembro de 2016

Seção 4: Apresentação da versão final do Anexo Técnico de REDD+ para o bioma Amazônia

- **Anexo Técnico REDD+: submissão de resultados de redução de emissões provenientes do desmatamento no bioma Amazônia de 2011 a 2015 – Thelma Krug:** [[Clique aqui para acessar o documento](#)] TK apresenta estrutura do documento e detalhes sobre seu processo de elaboração. Aponta como desafio o acesso a novos dados de desmatamento sob nuvens, com reflexo em anos já submetidos no Anexo Técnico do primeiro BUR; será algo a se justificar. TK detalha ainda a demonstração de consistência entre o II Anexo Técnico e o

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

FREL Amazônia nos quesitos área mínima, reservatórios, gases, atividades, mapeamento do incremento ajustado, etc. Afirma que tanto FREL como resultados de REDD+ podem ser meios para avaliar políticas públicas florestais. Além disso, um box poderia expor perspectivas sobre evoluções nas próximas submissões.

TK aponta que talvez seja requerida maior fundamentação quanto à degradação florestal. Até o momento, a degradação florestal tem sido associada ao fogo e ao corte seletivo de madeira, com recorrência que não esteja incluído em Planos de Manejo (concessões). HM alerta que há conhecimento limitado sobre o regime natural de queima no Cerrado e mencionou que o trabalho de Helena França de 2006 (Publicação MMA, série Biodiversidade, volume 27) é uma referência importante. HM ressalva que essa discussão não entra no mérito do papel do Manejo Integrado e Adaptativo do Fogo (MIF) nem das espécies invasoras. Sobre corte seletivo, DV esclarece que não há disponibilidade de dados para separar manejo sustentável do corte seletivo sem autorização. TK concorda e esclarece sobre a necessidade de repasse de dados pelos governos estaduais. TK esclareceu também que imagens de satélite mais recentes permitiram observar áreas anteriormente cobertas por nuvens e que isto poderia acarretar em uma alteração do FREL B, utilizado para calcular os resultados de redução de emissões. Entretanto, mostra que re-ajuste do FREL B acarretaria em uma alteração percentual de 0,2% com relação ao FREL sem reajuste. Com isto, sugere que o FREL B não seja modificado, obtendo a anuência dos demais membros. TK identifica este tema como importante para ser tratado nas reuniões do GTT em 2017.

- **Sobre a continuidade dos trabalhos para submissão de FREL para a Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas – Thelma Krug:** TK promove o debate livre sobre perspectivas para o FREL Nacional.

TK lança perguntas ao grupo: qual será o próximo FREL? Quem devemos convidar para as discussões? Após os biomas Amazônia e Cerrado, DV considera mais relevante o bioma Caatinga, entendendo que o bioma Mata Atlântica já vem sendo alvo de estudos conduzidos em parceria pelo INPE e a SOS Mata Atlântica desde 1989. Esclarece que no caso de Mata Atlântica, não seria necessário desenvolver-se uma série histórica como feito para a Amazônia e Cerrado, mas que os dados poderiam ser adaptados para os propósitos do FREL. DV aponta para a importância de considerar-se floresta secundária, já que há novos dados disponível. TK concorda e alerta para outro ponto: o Brasil tem construído os FRELS utilizando somente emissões brutas, o que tem sido justificado com base na falta de dados confiáveis. Entretanto, isto tem sido motivo de crítica do FREL brasileiro e deverá ser tratado quando da submissão do FREL nacional. DV sugere um workshop sobre florestas secundárias e recomenda questões levantadas pelos trabalhos do Chiquito [Prof. Francisco de Assis Costa, UFPA] e de Daniel Zarin para orientar a discussão. O GTT acolhe a sugestão e um workshop deverá ser planejado para o primeiro semestre de 2017.

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

TK pergunta ao grupo: como incluir emissões líquidas no bioma Cerrado? Para a Amazônia, há maior conhecimento da regeneração natural e da vegetação secundária. O II e III Inventários Nacionais incluíram remoções de CO₂ em áreas de floresta nativa manejada, mas cada bioma tem sua própria dinâmica que deve ser respeitada. TK sugere um workshop para o Cerrado, em que se discuta também Amazônia, com data aproximada em junho de 2017. Na oportunidade, seriam considerados fatores de remoção para o Cerrado. Sobre o FREL Caatinga, Adriana Bayma (AB) informa, com base nas informações atualizadas do Programa de Monitoramento Ambiental dos Biomas Brasileiros (PMABB), que a perspectiva é que existam dados de monitoramento da Caatinga em 2018-2019. TK sugere então uma reunião expandida do GTT REDD+ dedicada aos biomas Caatinga e Mata Atlântica, em que se trataria do FREL Caatinga e do ajuste de dados do bioma Mata Atlântica. O GTT sugere nomes de alguns potenciais participantes, mas conclui que a Secretaria Executiva do GTT REDD+ inicie um processo de consulta via e-mail, de forma a permitir uma consulta mais ampla. Por fim, TK relembra ao grupo de que é necessário avançar na compreensão da degradação florestal para REDD+. Propõe um encontro no segundo semestre, aproximadamente agosto-setembro, oportunidade de dois dias dedicados a abordar o tema em todos os biomas.

- **Encerramento:** TK agradece a presença e a valiosa contribuição do grupo. Afirma que em breve será disponibilizado o material desta reunião e o planejamento para as atividades em 2017.

Encaminhamentos

Decisões do GTT sobre o texto do FREL Cerrado:

- As fitotipologias consideradas como florestais para o bioma Cerrado foram validadas pelo GTT REDD+.
- Box 1: Esclarecer porquê algumas fitofisionomias foram incluídas como florestais.
- Box 2: Esclarecer porquê algumas fitofisionomias não incluídas como florestais deveriam ser consideradas, a exemplo da Savana Parque..

Decisões do GTT sobre o texto do Segundo Anexo Técnico:

- Box 1: Explicação sobre perspectivas de evolução para as próximas submissões – reservatórios, atividades, etc. Em particular, inclusão de madeira morta.
- Box 2: Explicação sobre desafios para informar sobre degradação por fogo, com base em trabalho da Helena França (Volume 27, Série Biodiversidade, MMA, 2006).

GRUPO DE TRABALHO TÉCNICO SOBRE REDD+

MEMÓRIA DA SÉTIMA REUNIÃO

Encaminhamentos:

Até 12/12: Secretaria Executiva do GTT REDD+ envia a versão preliminar da submissão em formato .doc para os especialistas que tiveram tarefas.

Até 13/12: TK e DV trabalham sobre texto que detalha a estratégia de mapeamento do bioma, bem como encaminham a figura das ecorregiões do Cerrado.

Até 16/12: FR e MB elaboram coluna adicional na Tabela 1, em que se agrega fitofisionomias, das florestais até o Cerrado Ralo, e faz a adequação do que estava colocado para o III Inventário.

Até março 2017: CF refaz o *dissolve* dos mapas. Qual a área mínima que com confiança conseguimos aferir o desmatamento? Mapeamento – área mínima definida do polígono - fazer por amostragem, análise de incerteza associada com a área mínima de mapeamento. Ir nos pequenos e ver qual a área mínima sendo desmatada.

Até 16/12: RC vai construir a tabela com os fatores de emissão, explicando de onde eles vieram e quais os problemas associados com cada um deles. Vai mandar a tabela de referência utilizada pelo inventário para embasar a Tabela 6. Vai também revisar essa seção.

Até 13/12: TK vai fazer um box falando da análise qualitativa de incertezas, tomando como referência a seção 5.2 do relatório de referência

Até 13/12: FM e TK propõem novos textos sobre a consistência com o III Inventário. Anos de comparação 2002 a 2010 a diferença cai para 9% (Tabela 4 e anteriores) textos sugeridos em apresentação.

Até 16/12: MB fará um parágrafo que trate da questão do carbono no solo. Não muda os dados de emissões, mas leva em consideração a importância do Plano ABC.

Até 16/12: Sobre emissões de gases não-CO₂, a CF deve considerar que a estratégia é extração das madeiras mais nobres, passar o correntão e depois queimar o resto. Revisão no sentido de tratar a combustão associada ao desmatamento e as queimadas associadas ao desmatamento no III Inventário. Observar que, segundo o Relatório de Referência, na seção 4.10.1, 50% da biomassa é queimada.

Até 16/12: Secretaria Executiva inclui chave dicotômica de Fitofisionomias do Cerrado do Ribeiro & Walter 2008 no Anexo 2.

Até 16/12: Secretaria Executiva refaz figura de emissões do FREL.

Até 23/12: Secretaria Executiva circula ao grupo planejamento de ações para 2017, considerando ideias discutidas em 13/12 (workshop sobre florestas secundárias, workshop sobre degradação e reuniões sobre FREL Caatinga e FREL Mata Atlântica).